

EXPERIÊNCIA DIDÁTICO-FILOSÓFICA EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE MANAUS: PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (PRP) – SUBPROJETO FILOSOFIA

José Celso de Mello Sampaio Filho¹

Lucas do Prado Pereira²

José Belizario Neto³

Resumo

No presente artigo buscamos unir nossos saberes e reflexões adquiridos durante o Programa Residência Pedagógicas (PRP) – Subprojeto Filosofia, com uma experiência didático-filosófica em uma Escola Estadual de Manaus. O artigo traz elementos importantes do PRP, da escola-campo, da regência em sala de aula, assim como do entendimento filosófico sobre educação. Discutimos sobre a nossa vivência na escola-campo, as dificuldades e oportunidades do(a) educador(a) diante dos desafios da educação pública, sempre com uma visão crítica à pedagogia conservadora e verticalizada; destacamos elementos aplicados na experiência para tentar superar algumas limitações. O artigo trata da nossa práxis, das vivências aliadas à formação teórica, sempre baseada em nossas referências bibliográficas.

Palavras-chave: Educação; Filosofia; Residência Pedagógica; Didática; Educador.

Abstract

In this article we seek to unite our knowledge and reflections acquired during the Pedagogical Residency Program (PRP) - Philosophy Subproject, with a didactic-philosophical experience at a State School in Manaus. The article brings important elements of the PRP, the school-field, the conducting in the classroom, as well as the philosophical understanding about education. We discussed about our experience in the field school, the difficulties and opportunities of the educator in the face of the challenges of public education, always with a critical view of conservative and vertical pedagogy; we highlight elements applied in the experience to try to overcome some limitations. The article deals with our praxis, the experiences combined with theoretical training, always based on our bibliographic references.

Keywords: Education; Philosophy; Pedagogical Residence; Didactics; Educator.

¹ Mestrando pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA); graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor Substituto do Departamento de Filosofia da UFAM. E-mail: celso.atz@gmail.com

² Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: lucas_pradopereira@hotmail.com

³ Doutorando em Filosofia pela UNICAMP. Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: belizarioufam@gmail.com

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar as reflexões sobre uma experiência, desafiadora e muito exitosa, vivenciada em uma escola campo de Ensino Médio na zona centro-sul de Manaus, que acolheu o PRP Filosofia⁴.

O artigo será apresentado em três partes. Primeiramente, faremos uma breve exposição sobre o que é o PRP, sua implementação na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), bem como no Departamento de Filosofia da UFAM e na escola-campo. E nesse ponto, as nossas experiências devem manifestar-se com maior intensidade, apresentando como foi vivenciar o PRP no chão da escola, o contato com a preceptora, com os alunos e os demais atores que estão presentes no ambiente escolar.

Em um segundo momento, faremos uma breve discussão sobre a formação do (a) professor (a) de filosofia, bem como uma problematização sobre o currículo da formação desse docente e de que forma o PRP Filosofia contribui com a formação do licenciando de filosofia. Convém destacar que o PRP Filosofia sempre buscou estratégias e métodos diferenciados para que a filosofia pudesse se enraizar na vida dos (as) educandos (as) do Ensino Médio e do próprio professor em formação.

Por fim, faremos um relato de experiência sobre as transformações proporcionadas pelo PRP na vida dos docentes em formação, na nossa práxis em sala de aula e na visão teórica sobre a educação e o ensino de filosofia.

1 - O Programa Residência Pedagógica (PRP) – Subprojeto Filosofia

O PRP foi implementado no Brasil pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Ensino Superior (CAPES), por meio do Edital 006 de 2018, com o propósito de realizar imersão dos discentes dos cursos de Licenciatura (matriculados na segunda metade dos cursos) em escolas de nível médio (denominadas de escolas-campo). Conforme o referido edital⁵:

O Programa de Residência Pedagógica é uma ação implementada pela Capes para atender aos objetivos da Política Nacional de Formação de Professores da Educação

⁴ Programa Residência Pedagógica - Subprojeto Filosofia/UFAM.

⁵ Convém ressaltar que há um cipoal de portarias que regem o PRP: Portaria nº 158, de 10 de agosto de 2017, que dispõe sobre a participação das Instituições de Ensino Superior nos programas de fomento da Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica; Portaria nº 38 de 28/02/2018, que institui o Programa de Residência Pedagógica; Portaria nº 45 de 12/03/2018, que dispõe sobre a concessão de bolsas e o regime de colaboração no Programa de Residência Pedagógica e no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID); e Portaria CAPES nº 175, de 07 de agosto de 2018, que altera o Anexo I da Portaria nº 45, de 12 de março de 2018, que regulamenta a concessão de bolsas e o regime de colaboração no Programa de Residência Pedagógica e no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Básica do Ministério da Educação. Visa fomentar projetos inovadores que estimulem a articulação entre teoria e prática nos cursos de licenciatura, conduzidos em parceria com as redes públicas de educação básica (BRASIL, 2018, p. 18).

Ainda, de acordo com o Edital 06/2018 (p. 19), entre as características essenciais do PRP estão a regência de sala de aula e a intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora.

Para entender melhor o que é o PRP é necessário perceber os objetivos do edital 06, com olhar atento sobre as suas contradições.

- I. Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;
- II. Induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica;
- III. Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores.
- IV. Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018, p. 1).

Os objetivos mostram claramente a preocupação do programa com a melhoria da qualificação dos professores em formação nos cursos de licenciatura, ao mesmo tempo em que revelam contradições do PRP, entre elas, a interferência nos Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos ao propor a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular. Merecem destaque outras distorções do Edital 006/2018: cada subprojeto deveria iniciar, necessariamente, com no mínimo de 24 bolsistas (caso contrário, seria desclassificado no processo seletivo); o bolsista que se formasse antes do período de vigência do edital (de agosto de 2018 a janeiro de 2020), deveria cumprir a carga horária total de 440h, caso contrário, devolveria todas as bolsas recebidas, entre outras distorções.

Apesar dessas contradições do Edital 006/2018, o Subprojeto Filosofia do PRP/UFAM teve uma experiência exitosa e bastante profícua no âmbito do Departamento de Filosofia. Houve grande engajamento da coordenação de área, dos (as) preceptores (as) e dos (as) residentes. Os encontros semanais para estudos, os eventos, as relações escolares e, principalmente, a dedicação fizeram abrir margem para que o trabalho tivesse tamanho êxito

na escolas-campo. A partir do nosso trabalho e da boa acolhida por parte da juventude escolar, podemos dizer que houve uma possível inspiração nas palavras de Epicuro em sua *Carta sobre a felicidade*, que diz:

Que ninguém hesite de dedicar-se a filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se a filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como que disse-se que ainda não chegou ou já passou a hora de ser feliz. Desse modo a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer por meio da grata recordação das coisas que já foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, por tanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la (EPICURO, 2020, p. 21).

Nesse contexto, o Subprojeto Filosofia realizou diversas ações, com o apoio e empenho da coordenação de área, comunidade escolar e preceptor da escola-campo, na qual estávamos alocados. Entre essas ações podemos citar: reuniões de planejamento e formação (tanto na UFAM quanto na escola-campo), minicursos de formação didática para o ensino de filosofia, atividade “Filosofia na Praça” na escola-campo (e nas demais escolas-campo do PRP Filosofia), Jornadas Residência Pedagógica de Filosofia, entre outras atividades.

Convém destacar que todas essas ações foram norteadas por princípios básicos da Filosofia, como o exercício da democracia, na perspectiva de uma educação emancipadora, além de um constante diálogo entre a filosofia e a arte, com inspiração na estética de Hegel, como nos apresenta a coleção Educadores no MEC.

Música. Como essencialmente pertencente ao interior da consciência, o conteúdo espiritual tem então no mero elemento da aparição exterior e no intuir – ao qual se oferece a forma exterior – uma existência ao mesmo tempo estranha para o interior, a partir da qual a arte deve novamente extrair as suas concepções a fim de transpô-las para um âmbito que é, tanto segundo o material quanto a espécie da expressão, para si mesmo de espécie mais interior e mais ideal [ideeller].

Poesia. A poesia, a arte discursiva, é o terceiro, a totalidade que unifica em si mesma os extremos das artes plásticas e da música em um estágio superior, no âmbito da interioridade espiritual mesma. Pois, por um lado, a arte da poesia, tal como a música, contém o princípio do perceber-se a si do interior enquanto interior, o qual escapa à arquitetura, à escultura e à pintura; por outro lado, expande-se no campo do representar interior, do intuir e do sentir para um mundo objetivo que não perde inteiramente a determinidade da escultura e da pintura e é capaz de desdobrar mais completamente do que qualquer outra arte a totalidade de um acontecimento, de sua sequência, de uma alternância de movimentos do ânimo, de paixões, de representações e o decurso fechado de uma ação (Estética, trad. bras., pp. 12-13) (HEGEL apud PLEINES, 2010, p. 97).

Dentre essas atividades destacamos a “Filosofia na Praça”⁶, um evento que fizemos na quadra da escola envolvendo toda as turmas de alunos, que visava o ensino de filosofia de uma forma mais criativa, envolvendo intervenções artístico-culturais, na perspectiva de despertar o interesse dos alunos para temas da filosofia de forma alternativa e divertida, com desenvolvimento de raciocínio lógico, “memes” filosóficos, elaboração de fanzines, paródias, entre outras, sempre conectando os conteúdos filosóficos com a realidade social dos alunos.

Sendo assim, podemos afirmar que a Residência Pedagógica de Filosofia se tornou uma realidade porque um conjunto de pessoas esteve envolvido de forma bastante comprometida com todas as suas ações (desde a concepção do Subprojeto Filosofia até a realização das atividades), tanto na escola-campo quanto na UFAM.

No conjunto de pessoas mencionado acima (que contribuiu de forma bastante significativa e relevante com as ações da RP Filosofia), tivemos a participação de diversos professores de filosofia, acadêmicos e artistas que proferiram palestras, oficinas didático-filosóficas, aula pública e intervenções político-artístico-culturais.

Neste contexto, destacamos algumas contribuições do PRP - Subprojeto Filosofia: 1- aperfeiçoamento da vivência com a práxis do Ensino de Filosofia (as teorias filosóficas fundamentando a ação do professor em formação [o residente] e esta ação dando sustentação às teorias filosóficas); 2- maior aproximação entre o curso de licenciatura e as escolas de educação básica; 3- oportunidade de vivência com o ensino, a pesquisa e a extensão; 4- ocasião para os residentes vivenciarem e demonstrarem o protagonismo estudantil; e 5- melhoria do desempenho dos professores em formação.

Também constatamos alguns resultados do nosso subprojeto, a saber: 1 - estreitamento de laços entre os residentes em formação, os professores de Filosofia da UFAM e os professores e alunos do Ensino Médio; 2 - I Filosofia na Praça – aula pública, nas escolas-campo (consolidando a ambientação da RP Filosofia, em dezembro de 2018) e II Filosofia na Praça, nas escolas-campo (fechando o ciclo da regência dos residentes, em novembro de 2019); 3 - realização do evento (juntamente com o PIBID FILOSOFIA) “Estratégias Metodológicas para o Ensino de Filosofia”, em maio de 2019 (em um período de cinco dias contínuos de formação de professores de filosofia); 4 - I Jornada RP Filosofia (em oito encontros de formação semanal), de agosto a outubro de 2019, que teve como objetivo central

⁶ O evento “Filosofia na Praça” ocorreu em duas edições: a primeira ocorre no fechamento das atividades de planejamento dos residentes na escola (em dezembro de 2018), com o propósito de consolidar as atividades de ambientação dos residentes na escola-campo e proporcionar uma maior interação entre todos os residentes e os discentes da própria escola. A segunda edição aconteceu no encerramento da participação dos residentes na escola-campo (em novembro de 2019).

demonstrar o protagonismo estudantil, a partir de estudos, pesquisas, produção de textos e material didático, que tratam da interface entre a Filosofia e a Educação, em articulação com as discussões e produções nos níveis Fundamental, Médio e Superior; 5 - II Jornada RP Filosofia, que ocorreu no dia 23 de janeiro de 2020, fechando o ciclo da RP Filosofia e teve como objetivo central mostrar o protagonismo estudantil dos integrantes da RP Filosofia, em uma Roda de Diálogos - com relato de experiências e avaliação do Subprojeto Filosofia (representada por uma residente de cada uma das três escolas-campo do nosso subprojeto, escolhida previamente e democraticamente por seus pares), seguido de diálogo com todos os demais residentes e plateia de uma forma geral; 6 - estudos sistemáticos, na perspectiva de produzir artigos científicos para publicação em periódicos, apresentação em eventos científicos, etc.

A escola-campo, na qual fomos alocados, funciona nos três turnos com o Ensino Regular, nível médio. Conta com um corpo docente suprido no limite do funcionamento, serviços gerais e merendeiras.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola é traçado em uma perspectiva libertária com teóricos, como o Educador Popular Paulo Freire, além do Educador Danilo Gandin que versa sobre o planejamento didático e administrativo com vistas à transformação. O PPP visa sempre uma práxis (teoria-prática-teoria) garantindo um maior estímulo aos alunos nesse *PROCESSO* que é o ensino-aprendizagem.

No que diz respeito ao espaço físico, a escola é privilegiada: há 12 salas de aula, uma sala de mídia, laboratório de ciências, uma sala de desporto, banheiro masculino e feminino, conta com uma secretaria, a sala do gestor, da pedagogia e sala dos professores; há um espaço onde funciona a copa e a merenda é feita no pátio da escola onde se localizam 4 mesas; a escola possui duas quadras; portanto, a escola possui amplo espaço físico.

Conforme o PPP da escola, “[...] o perfil socioeconômico é diversificado, mas a maioria dos alunos encontra-se na faixa de renda mínima, ou seja, regular e depende de programas sociais como o bolsa família, bolsa universidade e ajuda para manter um padrão digno de sobrevivência” (PPP, 2018, p. 9). O perfil relatado no PPP é facilmente notado quando olhamos para o quadro de frequências, pois há um alto índice de falta às aulas dos alunos. A escola também atende alunos (as) que fazem o traslado de sua residência para a escola em veículo próprio (carro ou moto) e possuem melhor condição financeira. Mas, em sua maioria, os alunos são de baixa renda.

Tivemos acesso ao PPP sem dificuldades, apesar de não termos utilizado nenhum elemento desse documento no planejamento das atividades, mas o utilizamos para nos nortear

quanto à conduta pedagógica a ser adotada durante as atividades do Programa Residência Pedagógica de Filosofia.

Não tivemos grandes dificuldades em exercer as atividades em sala de aula, além das observações da professora preceptora, correção de atividades, fazer chamada e lançar notas, inicialmente, logo a professora ajudou para que a experiência se completasse na regência das aulas de filosofia. Cada sala é um universo de universos, os alunos com muitas especificidades, por exemplo, dois alunos autistas em diferentes níveis da deficiência, ambos do 1º ano.

O planejamento das atividades foi essencial para um bom desenvolvimento das atividades; com o Programa Residência Pedagógica – Subprojeto Filosofia, fizemos o planejamento bimestral e entender a forma como a professora trabalhava no ano de 2018 (quando tivemos a ambientação escolar) ajudou contribuiu de forma relevante e significativa para prática docente de regência durante todo o ano letivo de 2019. Aprendemos muito com a vasta experiência da preceptora, tanto na sala de aula quanto na própria escola, sem dúvida a presença dela na sala ajuda acalmar os ânimos dos alunos e dá certa segurança ou empoderamento aos residentes. A conversa e a troca de experiência com a professora foi muito legal, ela não olha para o residente como alguém inexperiente, pelo contrário nos ajudou a somar, sempre cheia de ideias e questionamentos, aos quais quase sempre podia dar uma resposta quase pronta pelo fato de ter tido bons professores nas disciplinas eminentemente filosóficas e a professora acrescenta sempre com seus quase 30 anos de magistério, no que diz respeito ao domínio de sala e dos conteúdos filosóficos, bem como nos inspirou para novas metodologias, na perspectiva da ministração de uma boa aula de filosofia.

A interação com os(as) estudantes nos impõe algumas dificuldades, pois cada um traz de seu convívio familiar e de sua vida de forma geral, experiências e vivências que afetam o desempenho e interesse de cada um(a); traumas e situações diversas também são uma realidade em todas as escolas. Nesse caso, compreendemos que a humanização e o cuidado devem fazer parte da escola, ela deve levar em consideração o universo de cada um, e também ser um ambiente de cuidado e acolhimento.

2 – A formação do (a) professor (a) de filosofia

Nas estruturas dos departamentos de Filosofia, há uma espécie de “feudalismo”, no qual são criados guetos de mestres de conhecimento que aplicam uma iniciação científica que “[...] reduz a um aprendizado de confecção de ‘relatórios’ burocráticos de textos resumidos, de ‘impressões’ deste ou daquele autor” (JAPIASSU, 1997, p.76).

A formação do licenciando deve corresponder ao Projeto Pedagógico de Curso (PPC), e com a emergência das novas tecnologias, bem como das novas metodologias de ensino, nossos PPC's estão ficando superados e, mesmo sendo documento norteador, muitas vezes não é priorizado como parâmetro para o curso. Com isso, a formação docente fica com lacunas que devem ser retomadas em debates sobre a formação do professor de Filosofia e os desafios para o presente, passando sobretudo por uma reformulação dos estágios, modos que o PRP sanou, mas tratou da sintoma não do problema em si. Guiando-se nessa experiência por uma descoberta do cogito como apresenta Japiassu com a determinação idealista do 'sujeito pensante'.

Sabemos o que ocorreu com tudo isso. O ato cartesiano da dúvida metódica e da manifestação do *cogito* tornaram-se a base clássica do pensamento filosófico moderno. A metafísica cartesiana influenciou as metafísicas posteriores e quase todas as tentativas de buscar a verdade nas ciências. Este vasto desenvolvimento pós-cartesiano desemboca em Kant, que constrói uma filosofia epistemológica, crítica, moral e metafísica como ato do sujeito pensante "transcendental" (o sujeito do cogito cartesiano), mas claramente despertado à consciência de ser *Razão* tendo capacidade de intersubjetividade universal, quer dizer, podendo descobrir e propor, em seu nível próprio (formal), mas determinando as avenidas da ciência e da moral, aquilo que, de direito (a priori), é válido para todo espírito humano tendo acesso a razão. Assim a consciência do filósofo, consciência "universal" (intersubjetiva), é consciência do sujeito humano, espécie de suporte em si da universalidade da razão (JAPIASSU, 1982, p. 177).

Mas, no contexto da filosofia há diversos "tipos" de análises textuais, a primeira e que deve sempre primar é a analítica, mas devemos alçar voos mais longos com os alunos, na hermenêutica, histórica e até mesmo artística uma leitura de dados abstratos. Vindo de uma educação com lacunas, no que diz respeito a uma interdisciplinaridade dentro dos próprios departamentos de filosofia, a formação muitas vezes é trabalhada disciplinarmente e desvinculada da ideia da interdisciplinaridade. Neste contexto, o embate formativo encaminha-se também para o lado metodológico.

Mas não deveriam limitar-se às tradicionais ruminções intelectuais. Precisam urgentemente abrir seus estudos a este "exterior" constituído pelos saberes positivos e não positivos. Porque toda matéria estranha é boa para a filosofia. Aliás, ela sempre trabalhou com um material estranho. Os grandes filósofos do passado jamais se desinteressaram pelo "todo" desses saberes, quer dizer das modalidades de seus cruzamentos, múltiplos e imprevisíveis, fecundos e duráveis ou estéreis e sem futuro (JAPIASSU, 1997, p.77)

É necessária uma abertura na formação dos(as) professores(as) para que haja de fato uma educação integral, contrário a unilateral, mas precisa-se de uma educação omnilateral, no sentido do todo, uma abertura por parte dos educandos para uma formação integral e

integradora. Para que os(as) futuros(as) professores(as) possam mostrar seu pensamento, mas ao mesmo tempo permitir ao aluno que tenha sua autonomia de pensamento para elaborar seus próprios conceitos. Os alunos que hoje compõem com os departamentos serão os responsáveis pela educação dos jovens de amanhã. No agora, já são professores em ato e potência, mas muitos não aceitam a docência. Sendo esse um ato quase de entrega por amor, pois as condições desiguais na formação, apenas o departamento entra com essa colaboração para formar bem, a outra parte do todo depende do aluno.

[...] seu ensino em nossas universidades hoje pulverizado em microestudos ditos “monográficos” de textos ou de autores, sem articulação, praticamente informativo, sem visão de conjunto, sem a preocupação com a formação dos futuros docentes e pesquisadores. Ademais, dominado por uma visão bastante mercantil, não de vender créditos, pois são ofertados gratuitamente [...] (JAPIASSU, 1997, p.75).

Vive-se nas universidades uma espécie de “caça” créditos, pelo modelo de pensamento da sociedade, por vezes o diploma vale mais do que o próprio conhecimento filosófico. A formação se prejudica de forma significativa sem os ganhos acadêmicos necessários e os(as) estudantes acabam tendo uma defasagem teórica, que compromete a prática educativa.

O primeiro contato que se tem com a filosofia se dá no ensino médio. E as perguntas frequentes: para que estudar filosofia? Para que serve a filosofia? São bem comuns nesse primeiro momento as queixas que se sucedem também seguem algum tipo de norma: “não entendo o que o professor diz!” “Ele só fala de política!” “Toda aula é a mesma coisa!” São jargões que quem já ministrou ou pelo menos foi ouvinte da matéria já falou.

O livro que normalmente é produzido em volume único para as três séries do ensino médio fica em casa em quase todos dias letivos, pois equiparando os pesos disciplinares filosofia e química, ou física, é mais necessário dessas disciplinas. A alienação e a ideologia dominantes que muitas vezes nos impede de fazer leitura de mundo, é um grande empecilho no desenvolvimento da ciência e em especial da Filosofia.

Nas escolas públicas pode-se constatar uma ideologia discriminatória para com o ensino de filosofia, que atinge os(as) alunos(as), que desconhecem a sua profundidade e importância, até no âmbito governamental, que quando interessado em uma educação mais técnica e voltada para o mercado de trabalho, valoriza algumas disciplinas, e menospreza a filosofia.

3 – A (trans)formação do (a) professor (a) em formação com a experiência do PRP – Subprojeto Filosofia

O PRP é um programa para a consolidação da formação das licenciaturas, uma visão diferenciada da proposta do estágio supervisionado. Dentre as principais diferenças entre o PRP e o Estágio Supervisionado é a continuidade do trabalho. No estágio, o professor em formação liga-se à escola num período de dois a três meses no máximo devido às burocracias para a ida e depois a confecção do relatório. No PRP, a participação do residente nas atividades escolares e na IES ocorre em um período de 18 meses, de uma forma contínua e dinâmica e uma conexão constante entre a escola e a universidade. De um modo geral a formação integral do profissional, a experiência de sentir-se professor, fato ontológico que está em processo de potência parece-se para o sujeito em transformação cada vez mais um ato. A vivência do chão da sala é muito profícua no desenvolvimento do profissional da educação e o PRP mostra-se verdadeiro laboratório do ensino.

As metodologias que foram possíveis de utilizar nas salas de aula variou muito, no geral, tentamos fugir do tradicional e conservador e buscar métodos alternativos e libertários para que fosse possível proporcionar uma educação mais viva e contemporânea, interligada com a realidade dos alunos.

Concordamos em como é prejudicial para os indivíduos e sociedade uma educação feita de forma autoritária, no contexto de uma relação vertical, muito presente no sistema educacional atual. Nesse sentido, trabalhamos com a visão freiriana de que o processo educacional deve ser feito de forma mais democrática e horizontal, levando em conta a dimensão concreta da vida do(a) educando(a), ajudando o(a) educando(a), a assimilar os conteúdos por si mesmo(a).

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que, na prática “bancária”, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos (FREIRE, 1979, p. 79).

No geral, os métodos utilizados foram: aula expositiva dialogada com uso do quadro, músicas, slides, livro didático e textos originais de cada autor trabalhado; provocações filosóficas; roda de conversas; debates sobre o tema; aula prática artístico-filosófica (vivência na arte e cultura).

Apresentar aos alunos mais de uma perspectiva sobre o tema em questão e fornecer-lhes subsídios em forma de conceitos, categorias, teorias que os auxiliem a fazer

suas próprias escolhas com o máximo possível de autonomia, consciência e espírito crítico (SILVEIRA, 2007, p. 104 - 105).

Os alunos mostraram mais interesse em interagir com as aulas por meio de debates, do que com o modelo expositivo, e também aderiram a produções artístico-filosóficas. A Professora preceptora ajudou muito no processo da imersão na sala de aula, ora nos dando a liberdade necessária para desenvolver nossos projetos, ora mediando as atividades e a relação com os alunos(as). A coordenação de área foi muito criativa e estimulou tanto a pesquisa no aspecto filosófico-educacional, quanto a desenvolver práticas e atividades inovadoras dentro da escola, mas sempre respeitando a autonomia de cada residente.

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 2009, p. 26).

Na nossa avaliação, dos pontos positivos, ressaltamos a oportunidade de praticar novas metodologias, visando uma prática de ensino leve e rigorosa, em contato com a vida e com a contemporaneidade, procuramos ensinar sem retardar o processo de aprendizagem dos discentes, e assim desenvolver a autonomia para ser possível nos direcionar para o que é bom para nós e para sociedade.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros (...) Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber (FREIRE, 2009, p. 66).

Dos pontos negativos, ressaltamos a dificuldade em conviver com a visão bancária⁷ da educação entre colegas de trabalho, assim como em compreender as dificuldades psicológicas e sociais de cada aluno(a) e assim estimular as potencialidades individuais de cada aluno. “Ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos (...) não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças, não se reduzem à condição de objetos um do outro” (FREIRE, 2009, p. 25).

Também tivemos diversos momentos para avaliação coletiva, com todos os residentes na IES, bem como outros momentos na escola, com apenas o grupo de residentes da Escola. Outros momentos propícios para a avaliação foram os diversos eventos de formação de

professor, nos quais fazíamos socialização dos conhecimentos e avaliação da nossa atuação, ao mesmo tempo em que ouvíamos a avaliação dos demais colegas residentes.

A partir disso, relataremos a experiência de viver o chão da sala de aula no processo formativo da juventude, ao mesmo tempo em que nos formávamos. Explanaremos quatro aulas vividas na escola campo em diferentes series do ensino médio, nas aulas de Filosofia.

A primeira aula a ser relatada, é de Introdução a Filosofia na turma 2 do primeiro ano da escola campo. Nessa aula o livro propunha a reflexão junto de Homero, mas trouxemos (com a permissão da Preceptora), uma das passagens de Hesíodo, como se segue:

Elas um dia a Hesíodo ensinaram um belo canto / quando pastoreava ao pé do Hélicon Divino. / Esta palavra primeiro me disseram-me as deusas. / Musas Olímpíades, virgens de Zeus porta-égide: / “Pastores agrestes, vis infâmias de ventre só, sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos / e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações” (HESÍODO, 2015, p. 103).

Antes de introduzir mitologia grega, começamos um diálogo sobre quais lendas (mitos) Amazônicos os alunos conheciam e conseguiam narrar. Então, três alunos falaram de lendas ao seu modo, a do Boto, a da Saci e do Curupira. Além dessas, fizemos menção ao texto do povo Dessana “antes o mundo não existia”; desse modo, começamos a falar de Hesíodo e de sua relevância, sobre a importância do mito (lendas) para a existência de cada povo.

Foi interessante notar que eles contribuíram com mitos de outras esferas, como o egípcio e vikings. Chegando ao fim da exposição, falamos de como isso foi “combustível” para a reflexão dos primeiros filósofos. Trazendo para eles os primeiros questionamentos sobre a cosmogonia, ou seja, como o mundo começou a existir, e a partir de que matéria se deu isso, para que na próxima aula começássemos com os milesianos.

As próximas duas aulas a serem relatadas, são atividades continuadas na turma do 3º ano 3, que houve o comentário de um aluno sobre suicídio, e como iríamos iniciar os diálogos sobre existencialismo, falamos com a preceptora sobre a possibilidade de trabalhar Camus e Sartre em duas aulas e ela aceitou; a aula iniciou com o seguinte texto:

Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem depois. Trata-se de jogos; é preciso primeiro responder. E se é verdade, como quer

⁷ Educação bancária é um conceito de Paulo Freire para definir a metodologia tradicional de ensino, baseada na relação vertical entre o (a) educador (a) (sujeito ativo que detém o conhecimento), e o (a) educando (a) (sujeito passivo que recebe esse “deposito” de conhecimento).

Nietzsche, que um filósofo, para ser estimado, deve pregar com seu exemplo, percebe-se a importância dessa resposta, porque ela vai em definitivo. São as evidências sensíveis ao coração, mas é preciso ir mais fundo até torna-las claras para o espírito (CAMUS, 2019, p. 17).

Após lermos o texto com os alunos, interrogamos se acreditavam que o suicídio era de fato um problema filosófico. Alguns diziam que não, que a psicologia ou psiquiatria que daria conta disso, outros disseram que sim, talvez a filosofia pudesse pensar sobre o assunto, mas que não poderia ajudar os suicidas a sair dessa. Em seguida, questionamos: o que leva alguém a cometer suicídio? Houve um tempo de silêncio, até que alguém disse que “chifre⁸!”, algumas gargalhadas e outro disse: “O peso do mundo!” e foram as duas respostas, e antes de tentar correlacioná-las, narramos o mito de Sísifo para eles:

Os deuses condenam Sísifo a empurrar incessantemente uma rocha até o alto da montanha, de onde tornava a cair por seus próprios pesos. Pensaram, com certa razão, que não há castigo mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança. [...] No instante sutil em que o homem se volta para sua vida, Sísifo, regressando para sua rocha, completa as ações desvinculadas que se tornou seu destino, criado por ele, unido sob o olhar de sua memória e em breve selado por sua morte. Assim, convencido da origem totalmente humano, cego que deseja ver e que sabe que a noite não tem fim, ele está sempre em marcha. A rocha ainda rola (CAMUS, 2019, p. 137 - 141).

Então, para provocar uma reflexão, disse que o “chifre” é a terceirização da liberdade, alguém em quem eu franqueei minhas escolhas, e assim eu tiro todas as possibilidades de escolha, e isso também é um peso do mundo. Depois complementamos que Sísifo nos ensina que quando nos vemos e cremos na nossa inutilidade, que não somos bons suficientes, julgamos que a vida não vale a pena ser vivida.

O suicídio é a retirada máxima da liberdade, começamos a introdução da próxima aula, que íamos adentrar diretamente no tema da liberdade em Sartre, então perguntamos: quem aqui é livre? O silêncio tomou conta, mesmo numa turma normalmente barulhenta, a questão do ser livre incomodou. Para descontrair, perguntamos: Quem quer ser livre como as pombas? A maioria disse “eu”, desse modo, fizemos a seguinte provocação filosófica: as pombas não são livres, são elas guiadas a todo instante por seu instinto, vocês nunca verão uma pomba dizer: cansei de voar, hoje vou andando para casa, porque ela não pode dizer isso. Ou então não quero mais morar aqui, vou para outro canto. Elas são privadas da liberdade na sua essência.

⁸ Referindo-se à traição em um relacionamento.

Após uma semana, encontramos com a turma novamente e iniciamos a aula lendo uma parte de “O Ser e o Nada” do Filósofo Jean-Paul Sartre, referindo-se a Liberdade.

Mereço-a, primeiro, porque sempre livrar-me dela pelo suicídio ou pela deserção: esses possíveis últimos são os que devem estar sempre presentes a nós quando se trata de enfrentar uma situação. Por ter deixado livrar-me dela, eu a escolhi; pode ser por fraqueza, por covardia frente a opinião pública, porque prefiro certos valores ao valor da própria recusa de entrar na guerra. [...] Não houve coerção alguma, pois a coerção não poderia ter qualquer domínio sobre uma liberdade; não tenho desculpa alguma, porque como dissemos e repetimos nesse livro, o próprio da realidade-humana é ser sem desculpa (SARTRE, 2012, p. 678 - 679).

Nesse terceiro relato, fatos que marcaram a aula são a dificuldade dos alunos em compreender conceitos muito abstratos, quando falamos em liberdade, eles pensam em sentido muito prático, “eu não sou livre, pois sou obrigado vir a escola”, “eu não sou ‘totalmente livre’, pois tenho que obedecer meus pais” ou ainda “a liberdade não existe porque todos podem mandar em mim”. O texto acima, talvez escolhido de maneira errada para aula, queria um complemento da aula, mas percebi no decorrer da exposição que faltaram aspectos práticos para um maior entendimento dos alunos.

O terceiro relato mostra que nem sempre as aulas saem como queremos, mas também que nem sempre tem que ser como queremos, a aula não foi como o planejado, mas apesar disso, foi a aula que os alunos mais falaram, mais questionaram, não só a nós, mas também ao Sartre. Foi muito bom ver conceitos da moral serem postos em xeque (não era o objetivo da aula) mas incomodou o “sem desculpa”, e a aula girou em torno disso. A preceptora entrevistou algumas vezes nessa aula devido os ânimos acalorados. Apesar de não sair como no roteiro, sentimos que a aula três aqui relatada, foi uma das maiores experiências filosóficas em sala de aula.

Na quarta e última aula que relatamos aqui, tivemos como objetivo aproximar o aluno com a filosofia medieval, a partir de um recorte da obra de Santo Agostinho, “Dialogo sobre a felicidade”. Para que assim ele possa ter embasamento para uma autonomia na busca de suas próprias ideias acerca do tema da “felicidade”. Aproximamos as reflexões de Santo Agostinho com o contexto atual do Ensino Médio e da realidade vivida pelos alunos, relacionando com temas atuais como o "setembro amarelo" de prevenção ao suicídio, depressão, consumismo.

A partir da exposição do conteúdo da obra, com citações e contextualização do tema, o objetivo foi que o(a) aluno(a) assimilasse a forma de pensar, organizar as ideias e os argumentos, ou seja, os métodos de reflexão do autor, para aprender a refletir, tomando

contato com a própria reflexão praticada por Santo Agostinho e relacionando com as suas ideias e vivências no tema, para que a partir disso ele possa "pensar por si" sobre a felicidade.

No início da aula, para sensibilizar os (as) alunos (as), problematizamos o tema “felicidade”, pedimos para responderem com uma palavra a pergunta: “o que é a felicidade?”, buscando suas opiniões prévias acerca do tema. Inicialmente eles estavam meio tímidos, mas bastou a primeira pessoa se pronunciar para o restante começar a falar sobre algo exterior a si mesmo, como “dinheiro”, “comida”, “carro”, por exemplo. Fomos escrevendo imediatamente as palavras no quadro, o que provocou uma descontração na sala, as palavras ficaram lá, pra depois do diálogo com Santo Agostinho, voltar para elas. Seguindo a aula, a metodologia foi a aproximação do estudante com a obra do próprio autor trabalhado, através de citações que sintetizam as ideias centrais, comentando e relacionando cada citação com assuntos da realidade atual e do contexto do aluno.

Ao mesmo tempo que o aluno teve um contato direto com a obra, por meio das citações, o texto serviu apenas como embasamento para conseguir passar a ideia central, para que o estudante aprenda sobre os métodos de reflexão do autor, e a partir disso ter uma autonomia para pensar de forma mais crítica o tema trabalhado. No final, voltamos a interagir com as palavras do quadro, mas depois de trabalhar a obra do autor, relacionando o conteúdo com assuntos pertinentes da vida cotidiana, a maioria disse perceber que o tema da felicidade era muito mais complexo, por isso não concordavam mais com as respostas que deram inicialmente, mas dessa vez, não tinham mais uma palavra pra definir o que é felicidade, como trata Agostinho:

Por que não encontram nela a sua alegria? Por que não são felizes? Não são felizes, porque, entregando-se com demasiado afincamento a outras ocupações que, em vez de ditosas, os tornam ainda mais desgraçados, recordam, apenas frouxamente, aquela Verdade que os pode fazer felizes. “Por enquanto ainda há uma luz entre os homens”. Caminhem, caminhem depressa “para que as trevas não os surpreendam!” (AGOSTINHO, 2015, p. 263).

O intuito foi explorar um pouco as ideias sobre a existência de Deus, a fé e a razão, a imortalidade da alma humana, a sabedoria, o autoconhecimento, a moderação/temperança, a liberdade e, claro, a felicidade. Assim como relacionar com problemas atuais no que refere ao tema da depressão, suicídio, consumismo e desvalorização do autoconhecimento para atingir a felicidade humana.

Toda essa experiência na regência da aula com a Residência Pedagógica contribuiu efetivamente para a nossa formação como futuros educadores e sem ela certamente teríamos

nos tornado egressos com pouca preparação para a sala de aula, a teoria acadêmica e o estágio são muito importantes, mas alguns saberes necessários para a prática educativa só se aprende no “chão” da sala de aula.

Considerações finais

Com o Programa Residência Pedagógica-Subprojeto Filosofia, vivenciamos possibilidades para se pensar a maneira pela qual podemos conduzir nossa práxis educativa dentro e fora das salas de aula. Destacamos os pensamentos de ordem filosófica e pedagógica sobre autonomia que pudemos obter, tendo em vista um cenário geral daquilo que representa uma breve experiência como professor, atrelando sempre a prática da filosofia de Paulo Freire, correlacionando-a com as referências trabalhadas na IES nos momentos de socialização com outros residente e o coordenador do subprojeto.

Observamos uma postura que afirma a necessidade de apresentar conteúdos diversos, sendo agente de opções frente aos alunos, transmitidos de forma dinâmica aos educandos, uma mediação, para que eles possam fortalecer e apoiar sua autonomia e inteligência própria. A autonomia é um dos achados que a pedagogia libertadora de Paulo Freire (que tentamos seguir) nos deixa como contribuição, justamente pelo fato de não aceitar hierarquias que recaem no autoritarismo.

Acreditamos que mudanças são possíveis, e que devemos enfrentar o sistema que nos oprime utilizando da educação bancária, devemos lutar contra essa ideologia dominante que distorce a realidade e cria amarras que privam nossa liberdade. A luta contra a opressão deve acontecer de forma coletiva através de uma educação crítica, nunca desvinculada dos princípios éticos, visando a autonomia e a formação integral dos indivíduos.

Essa experiência nos conduziu a uma perspectiva mais crítica acerca do como e para quê ensinar filosofia. Contribuindo para a formação e atuação como professor, ajudando a assumir uma concepção ética sobre a práxis educativa, e entendendo que as limitações que se colocam sobre o(a) professor(a) de filosofia, podem ser superadas em diversos âmbitos, especialmente no que se refere aos métodos pedagógicos.

Por último, devemos levar em consideração as dificuldades que vão além da alçada do professor, pois essas são sistêmicas e estruturais, como por exemplo: a desvalorização da filosofia e o reduzido número de aulas disponíveis para essa disciplina; ou até o excessivo número de alunos na sala de aula; e a estrutura física tradicional de uma escola e da sala de aula (modelos limitantes e atrasados); etc.

Referências

AGOSTINHO, Santo, (2015). *As confissões*. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina 6º ed. Petrópolis – RJ: Vozes.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e, MARTINS, Maria Helena Pires. (2013). *Filosofando: Introdução à filosofia*. 5º ed. – São Paulo: Moderna.

BRASIL. (2018) “Edital 06, 2018 Programa Residência Pedagógica CAPES”. [Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-6-2018-Residencia-pedagogica.pdf>]. Acesso em: 21/07/2020.

BRASIL. (2002) *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio IV Ciências Humanas e suas Tecnologias*. Ministério da Educação. Brasília. MEC, SEMTEC, p.45 à p.65 – Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>> acessado em: 21/07/2019

CAMUS, Albert. (2019). *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record.

EPICURO. (2002). *Carta sobre a Felicidade (a Menenceu)*. Tradução e apresentação Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. – São Paulo: Editora UNESP.

FREIRE, Paulo. (2009). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

FREIRE, Paulo. (1979). *Pedagogia do Oprimido*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HESÍODO, (1991) *Teogonia: a origem dos deuses*. 2º ed. estudo e tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras.

JAPIASSU, Hilton. (1997). *Um Desafio à Filosofia: Pensa-se nos dias de hoje*. São Paulo: Letras & Letras.

_____ (1977). *Introdução ao pensamento Epistemológico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves.

_____ (1982). *Nascimento e Morte das Ciências Humanas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves.

PLEINES, Jürgen-Eckardt (2010). *Friedrich Hegel*. Coleção Educadores MEC– Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4671.pdf> Acesso em 21/09/2020

SARTRE, Jean-Paul. (2012). *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdiggão. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

SILVEIRA, Renê José Trentin. (2007). Teses sobre o ensino de Filosofia no nível médio. In: SILVEIRA, Renê J.T; GOTO, Roberto (org). *Filosofia no ensino médio: Temas, problemas e propostas*. São Paulo; Loyola.

Recebido em: 02/09/2020

Aprovado em: 23/11/2020